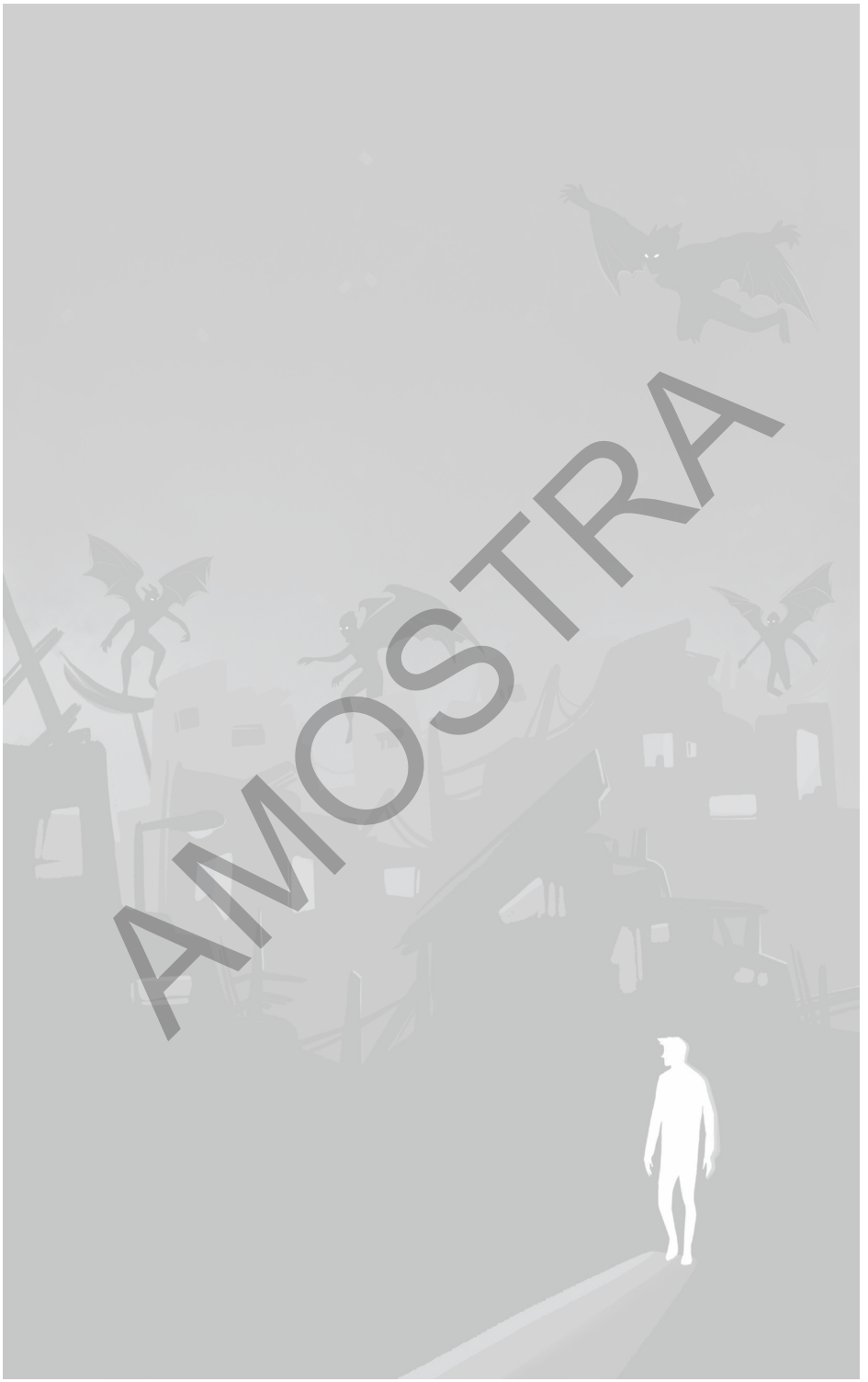
KAITO

REZE POR UMA BOA MORTE

良い死を祈って

AMOSTRA


AMOSTRA

KAITO

REZE POR UMA BOA MORTE

良い死を祈って

Bruno Crispim

AMOSTRA

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Kaito: Reze por uma Boa Morte

Copyright © 2025 ALTA NOVEL
ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)
Copyright © 2025 BRUNO CRISPIM
ISBN: 978-85-508-2644-8

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

C932k
1.ed. Crispim, Bruno
Kaito : reze por uma boa morte / Bruno Crispim. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.
368 p.; 13,5 x 21 cm.

ISBN 978-85-508-2644-8

1. Ficção de fantasia. I. Título.

04-2025/04 CDD B869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção de fantasia : Literatura brasileira B869.93
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

AMOSTRA

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Preparação: Alessandro Thomé
Revisão: João Guterres
Diagramação: Rita Motta
Capa: Amanda Carla

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

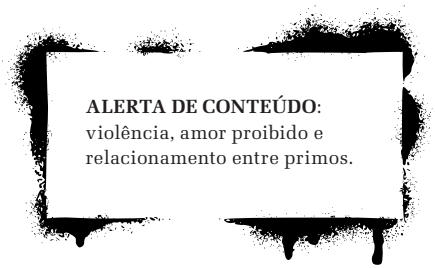
Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:

Às minhas deusas cotidianas
em suas estirpes de esperança,
que sejamos felizes nessa dança
durante o esplendor das estações.

AMOSTRA

AMOSTRA


ALERTA DE CONTEÚDO:
violência, amor proibido e
relacionamento entre primos.

MINHA PEQUENA ASSASSINA RECORRENTE

Você está vendo aquele garoto muito bem apessoado no meio da rua, rastejando no asfalto? Aquele ali, todo ensanguentado, com a sua camiseta da sorte que já não é mais verde. Metade da orelha esquerda faltando. Perna direita virada no ângulo errado. Ambos os tênis omissos e um caminho de sangue o seguindo. Aquele ali, implorando pela ajuda da avó, ou da prima, ou de qualquer um, por entre os dentes travados de desespero. Está vendo ele?

Pois é, aquele ali sou eu, Kaito Mupara Yukimura. Ou só Kaito.

Essa é a antiga e menosprezada versão de mim mesmo. Não em um de meus melhores dias, é verdade. Mas, definitivamente, não no meu pior.

Eu sei. Me vendo agora, tantos anos depois do Apocalipse, você não imaginaria que comecei de baixo. Pelo contrário. Você diria que sou o filho de alguém importante, nascido com o famigerado talento. Olhos estreitos e vigilantes de um grande samurai. Corpo robusto e valente de um herói Zulu. Um guerreiro nato.

De forma alguma. Não tive berço de ouro. Comecei do mesmo buraco que você, na lama e na loucura, como qualquer azul. Zero privilégios. Sem qualquer poder ou habilidade além da nossa maldita imortalidade.

A jornada não foi fácil. Morri pela primeira vez ainda uma criança inocente, de 19 anos. Precisei de muito empenho, garra, heroísmo e sagacidade para conseguir me destacar neste

AMOSTRA

mundo infestado de gente. Aprenda rápido. Se possível, com o erro dos outros — é o que eu sempre digo. Tudo bem, eu nunca digo isso. Mas continua sendo verdade.

Mas não coloquemos a carroça na frente dos bois.

Olhe bem para este pobre eu franzino. Ainda sem saber lidar com as minhas mortes. Depois do fim do mundo, morrer é algo corriqueiro. Revivemos sete horas depois. Prontos para sermos assassinados outra vez. E essa aí será a sua sétima. É uma morte importante. Separa as crianças dos monstros.

Preste atenção. Olha bem para ele. Para mim.

Agora!

O exato momento em que ele molha as bermudas. Uma bexiga de respeito, diriam. Mesmo nessa confusão de sangue e sujeira, é inegável para qualquer um o que acabou de acontecer.

É trágico. A pouca dignidade que guardava com ternura se esvaiu. Mas é um pouco engraçado também, não? Eu acho. Com o passar dos anos, vai ficando melhor. Eu te garanto.

— Droga, Sayuri, me mata logo! — grito.

Sayuri é aquela garotinha de 7 anos de idade que vem devagar, no seu tempo, sorrindo ao pular em um jogo de amarelinha imaginário. Em um primeiro momento, você poderia acreditar que essas duas pessoas não fazem parte do mesmo espetáculo. Ou que ela não é o monstro mais sanguinário que conheço, um algoz obcecado por mim.

Abra o olho, criatura. Repare a faca na mão da menina. Olhe o sangue pingando da lâmina. O meu sangue! Olhe para a sua pele levemente azulada. E, faça-me o favor, atente para o chiclete que ela prende entre os dentes e estica com a mão.

Então... Não é um chiclete. É a minha orelha esquerda.

Sei que você não tem informação decente por aqui. Nasceu há pouco tempo, bem depois da Catástrofe. E viveu sempre dentro dessa reserva, conhecendo pouquíssimos azuis na vida. Exatamente por isso, deveria prestar mais atenção no que estou te mostrando. Pode ser a diferença entre a vida e uma morte bem lenta e excruciante. Fora que é uma história incrível! Você vai adorar, eu prometo.

Bem, a pele azul já deveria deixar claro que ela não é mais humana. Com os pequenos chifres nascendo em sua testa e a

AMOSTRA

cauda preta furando o seu uniforme escolar, não há dúvida: ela é uma azul.

Observe a mão de Sayuri com mais cuidado. Ela não está segurando uma faca. Essa lâmina é uma de suas garras.

O corpo dela, como o de todo azul, vai mudando, evoluindo. A pele e os ossos endurecem. Um chifre aparece. Ou um espinho. Ou um ferrão. Ou uma glândula que produz veneno letal. Se você tiver muita sorte, pode ganhar um par de asas. Vai por mim, agora que os elevadores não funcionam, voar faz toda a diferença.

A gente vai se adaptando ao ofício a cada vez que tira a vida de alguém. Aliás, o termo politicamente correto é coletar almas. Para amenizar um pouco toda essa carga negativa que o assassinato recorrente traz.

Nessa época, a bandidinha já tinha quase trezentas almas de força. Não é de se espantar que ela tivesse garras tão grandes. Mas depois explico melhor a mutação constante dos azuis e essa coisa de coleção de almas. Vamos voltar para o mais importante: a minha história.

Apesar da autoestima estar negativa, ainda não estava morto. Quem sabe se eu chamasse a atenção dela para outra vítima, alguém com mais almas, eu não conseguiria fugir enquanto o pobre coitado era devorado no meu lugar.

Eu acelero o rastejar para a loja onde um casal de velhinhos vivos se escondia. Acredite em mim, não existe um único azul neste mundo que ignore a deliciosa carne viva e temperada pelo tempo. Menos eu, obviamente.

Eles eram amigos da minha avó e costumavam ir todos os dias jantar no restaurante dela. Antes de tudo isso, eram donos de uma loja de cerâmica tradicional japonesa. Todos os bules do restaurante da minha avó eram de lá.

Ok, não foi muito nobre da minha parte. Mas a vida durante o Apocalipse não é o que se possa chamar de justa. Sobrevivência do mais apto, foi o que disse aquele moço barbudo. Duvido que ele tenha sido um dos que foi para o Céu. Não tem ninguém que preste por lá.

Subi a calçada rastejando a braçadas lentas e largas. Nada de movimentos bruscos. Não quis chamar a atenção de Sayuri para o meu plano.

AMOSTRA

Ajoelhei no portal da pequena loja abarrotada de vasilhas, me preparando para atravessar o vidro da porta. Quatro olhos arregalados viam a minha aproximação por entre as hastes da persiana. Vivos ainda, como eu suspeitava.

Eles não podiam fazer nenhum barulho. Pelo meu estado, sabiam que tinha um azul mais forte no meu encalço. Só balançaram a cabeça. Olhos e bocas arregaladas. A velhinha uniu as mãos em uma súplica. Partiria o coração de uma pessoa sensível. Mas não sobraram tantas dessas no mundo. Nenhuma delas nesta rua deserta. As pessoas do bairro aprenderam cedo a fugir de Sayuri.

Levantei. Inspirei com selvageria. Corri a passos tortos, mas firmes e pulei na porta. Acelerei. Toda velocidade à frente. Ombro primeiro. Careta vitoriosa pronta. Boca já salivando por uma mordida antes da fuga definitiva. Uma mão para viagem. Quem sabe um braço? Do velhinho mesmo, que estava mais perto.

A porta tremeu. Tremeu, mas não quebrou. O ombro, esse eu já não sei. E a ilusão de uma fuga se espatifou.

Recuei três passos e corri novamente. Por puro desespero. Mais uma vez, não fui forte o suficiente. Não fiz a mínima rachadura naquele vidro. Blindado, só pode.

Sayuri estava a duas passadas de distância, rindo de mim. Foi a vez dos meus olhos implorarem por minha vida. Apontei para a vitrine com a cabeça, mas o casal de velhinhos tinha se escondido lá dentro. Rabanetes, cenouras e batatas jogados na frente da porta para disfarçar o cheiro de carne humana. Malditos covardes.

Sayuri dá um passo na minha frente. Devagar, para aumentar o meu medo. Essa desgraçada gosta de torturar a gente antes de matar. Diz que a carne fica mais gostosa.

— Sayuri, eu terei uma conversinha séria com a sua mãe! — Levanto-me com o dedo em riste. — Ela não vai ficar feliz de saber que você tentou roubar a minha alma de novo. Vá caçar outras pessoas e me deixe em paz.

— Mamãe tá morta — diz ela, irritada. — Ela e o papai gritaram comigo, aí eu matei os dois.

AMOSTRA

Eu estou te falando, sou uma pessoa que alimenta mais esperanças do que deveria. Contudo, quando uma menininha de 7 anos não sente um pingo de remorso ao matar os pais, nada sobra.

Depois daquilo, me sentei na calçada. Não há por que rastejar ou mesmo correr para longe. Nem razão para tentar chamar a minha avó, que conseguia acalmar Sayuri. Ou a minha prima, que talvez pudesse matá-la.

Parei de esperar por uma solução milagrosa. Sayuri não me deixaria ir embora. Ela me perseguiria até me matar. Ou até sua própria morte.

Eu, o seu novo brinquedo. O rato de um gato sem escrúpulos.

Quando as garras de Sayuri subiram, me virei de costas e, pela primeira vez, ruminei sobre suas razões.

Não acredito que ela entenda a dor que está causando ou o medo que estou sentindo. Ela é apenas uma criança, acabou de fazer 7 anos. Talvez todo esse caos do final dos tempos seja um sonho para ela. Para mim, é um pesadelo.

Não vou mentir para você. Naquele instante, eu adoraria arrancar a sua orelhinha azul e mastigá-la de boca aberta. Bem na sua frente. Olhando em seus olhinhos pretos. Um pouco antes de esganar aquela gargantazinha fina e cheia de escamas.

Só que ela não passa de mais uma das tantas vítimas dessa catástrofe. Todos nós somos. Vivos e azuis. Se os nossos caminhos não se cruzarem novamente, não guardarei nenhum rancor.

Não faria um voto de vingança por ninguém. Vingança e honra não são úteis neste mundo, de sangue e desespero. A única coisa que você deve cobiçar é a misericórdia do seu assassino. A melhor coisa a se fazer é rezar por uma boa morte.

AMOSTRA

AMOSTRA

NOVE MESES ANTES DA SÉTIMA MORTE

Senhoras e senhores, aqui é o seu capitão falando. Sejam bem-vindos a bordo do voo AC036 com serviço, de Toronto a Tóquio, sem escalas.

O piloto continua falando, em sua voz mecânica. Paro de ouvir em "sem escalas". Mais treze horas preso em um avião é demais para mim. Adicione isso às oito horas anteriores no voo do Rio de Janeiro a Toronto, às duas horas que esperei no Pearson — o aeroporto canadense — e às outras três que fiquei esperando no Galeão, ouvindo os sermões do meu pai e o choro da minha mãe. Mais de um dia inteiro viajando para o fim do mundo — do meu mundo, pelo menos.

Deixei a minha vida para trás. O início de uma carreira de sucesso. Faculdade. Todos os meus três amigos. E uma pessoa especial. Daquelas que, com sorte, você encontra uma na vida. Fui obrigado a abandonar tudo. Trouxe só o meu computador e uma mala com as roupas que minha mãe escolheu para mim. Não houve tempo para despedidas. Não fosse mamãe, eu teria deixado a minha blusa da sorte no cesto de roupa suja.

E ainda tive de ouvir que essa era uma oportunidade única de eu aprender a ser responsável.

— Então eu vou ser mais responsável fugindo dos meus problemas, é isso pai? — perguntei, antes de sairmos de casa.

Você precisava ver como a cara dele ficou vermelha. Fechou as mãos tão forte que elas tremiam. Se esticou todo para ficar

AMOSTRA

mais alto, para me intimidar. Para cobrir os vinte centímetros de altura que nos distinguiam. Seus dentes pareciam que seriam enterrados na gengiva. Quase não dava para ver seus olhos. E é quando só dá para ver uma listra fina do branco dos olhos que ele está para explodir. Faltava pouco para a boca espumar.

— Moleque, não me teste! — gritou.

— Hiroshi, não piora as coisas — interveio a minha mãe, antes que ele me desse seus últimos cascudos, como uma despedida. — Tudo isso já não está sendo ruim o suficiente?

Ele andou olhando para baixo. Deu uma volta em nós dois. Irritado demais para ficar parado. Cabeça-dura demais para se acalmar.

— A culpa foi minha. Toda minha! Eu deixei a tua mãe te mimar. Aí você não criou juízo. Um tempo com a tua avó vai te fazer entender que a vida não é uma festa — foi o que me disse, ao jogar no meu peito a passagem só de ida para longe da sua casa. — Use esse tempo para pensar no que vai fazer da vida. E só volte quando conseguir se sustentar.

Não, obrigado, papaizinho do meu coração. Eu vim preparado. Procuro as pílulas cor-de-rosa guardadas em um bolso escondido, no fundo da minha mochila. É um remédio para enjoos fortes e para labirintite, que comprei de um amigo que está fazendo veterinária.

Para falar a verdade, o Russo comprou na farmácia da esquina de casa. E nem precisou de prescrição médica. Pedi para ele, porque estava trancado dentro de casa e meu pai só toma remédios em caso de vida ou morte.

Eu o tirei da cartela, embrulhei em papel alumínio e escondi na mochila, só pela possibilidade de um funcionário achar que era droga e me impedir de entrar no voo. Duvido que meu pai pagasse outra passagem. Ele não é do tipo que gosta de gastar.

O pior é que um funcionário brasileiro achou o papelote. Estava tenso. Pronto para me prender. Mas quando viu o "B6" gravado nos comprimidos, riu de mim e me devolveu.

— Minha mãe disse que um já está bom para várias horas.

AMOSTRA

Foi o que Russo me disse por mensagem, depois de passar a cartela por debaixo da porta. E foi assim que me despedi de um de meus três únicos e grandes amigos. Com os outros dois, não tive essa sorte.

Tomo três comprimidos para garantir que dormirei até chegar ao Japão.

O avião decola e eu coloco os fones de ouvido. Dou play em um filme, mas o coloco no mudo, para não ficar preso na história e ter de esperar muito para que a minha consciência desligue. Robôs alienígenas gigantes contra dinossauros zumbis. Muita explosão, carnificina e falta de lógica, o material certo para escapar de meu confinamento.

Quinze minutos depois, quando o fóssil de um tiranossauro rex desperta em um museu — obviamente em Nova York —, as imagens começam a se fundir com um sonho acordado. Agora todos voam e querem abater o avião em que estou. Não sei quem vencerá a disputa, os robôs gigantes, os dinossauros ou o meu pai. Fecho os olhos quando um dinossauro é derrubado e vai cair em cima de mim.

É quando o suor frio encontra a náusea. Minha força desaparece imediatamente e eu não sei se tenho energia para respirar. Minha mente apaga.

Em um momento, estou inventando frases para as personagens. No momento seguinte, o filme já acabou e estou tentando correr para o banheiro, sendo impedido pelo cinto de segurança. Me solto e tento levantar de novo. Meus joelhos se dobram em um *eu acho que não*.

Eu me sento pela segunda vez. Talvez meu vizinho esteja me olhando irritado. Ou preocupado. Ou talvez não tenha ninguém sentado do meu lado. Não tenho certeza, o rosto dele está embaçado.

Concentro as minhas últimas forças para me levantar e ir babando e tropeçando até o banheiro, onde apago imediatamente. Porta e olhos abertos, vendo, mas não sentindo, a minha mãe

AMOSTRA